

Ovinos-caprinos

Futuro dos pequenos ruminantes

SEGUNDO DADOS da FAO, em 2006, a produção de carne ovina e caprina, no mundo, foi de cerca de 13,5 milhões de toneladas. No primeiro e segundo postos do *ranking* mundial, a China e a União Européia participam, respectivamente, com 33% e 7,4%

Para 2007, as projeções são de uma produção de 13,8 milhões de toneladas, com um incremento de 2%. Dentre os dez principais países produtores, o Irã tende a ter maior aumento percentual, com 20%. A seguir, vem a China, com 4%. Já os demais países não modificaram a sua produção de forma significativa.

A finalidade da produção varia entre os países:

- A Europa e Índia produzem para leite;
- A China para carne.

O mercado de lã ainda não está plenamente desenvolvido em âmbito internacional. Com dados em mil toneladas limpas, na exportação destacam-se a China (157), a Nova Zelândia (168), a Austrália (338) e a União Européia (98). Na importação, a Nova Zelândia (136) e a Austrália (261)

Na dinâmica da produção mundial de carne de ovino e caprino, os países de alto índice populacional afetam de forma ostensiva a quantidade produzida. A produção de leite e carne pelos pequenos ruminantes é apontada como uma das boas alternativas para servir de base de alimentação para a população. Nesse sentido, ajuda o desenvolvimento rural e contribui para oferecer outra forma de proteína animal.

Na Austrália, maior exportador mundial, as projeções iniciais eram de aumen-

Produção de carne ovina (milhões de toneladas)

	2006	2007
Total	13,5	13,8
China	4,5	4,7
União Européia	1,0	1,0
Índia	0,7	0,7
Austrália	0,7	0,7
Irã	0,5	0,6
Paquistão	0,6	0,6
Nova Zelândia	0,5	0,5
Turquia	0,3	0,3
Nigéria	0,3	0,3
Sudão	0,3	0,3
Outros	4,1	4,1

to da produção. Mas uma longa estiagem atrapalhou os planos dos criadores. Como muitos animais tiveram de ser abatidos antes do ponto ideal, houve aumento a oferta, mas a demanda garantiu a sustentação aos preços.

Depois de anos consecutivos de redução do rebanho, a Nova Zelândia entrou em novo período de crescimento em 2006. O número de cabeças aumentou em 2% quando comparado a 2005, e chegou a 40,7 milhões no ano passado. Nesse período, o abate reduziu-se em 1%, devido à retenção de matrizes. A produção, no entanto, ficou praticamente no mesmo nível, em função de um leve aumento no peso do animal abatido, em 539.000 toneladas.

Na temporada de setembro de 2005 a outubro de 2006, as exportações cresceram 4%, principalmente por causa da

Europa: futuro dos pequenos ruminantes

- Crescimento em escala;
- Maior produtividade;
- Diminuição do pastejo;
- Importância do mercado sobre o desenvolvimento rural.

Pequenas criações:

- Qualidade e inovação;
- Multifuncionalidade e desenvolvimento rural.

Grandes criações:

- Produtividade e escala.

Rastreabilidade para:

- Controle sanitário da produção;
- Confiança do consumidor;
- Controle genético do produtos no frigorífico;
- Controle sanitário dos produtos transformados e elaborados;
- Diversidade de produtos de qualidade;
- Selos de qualidade.

maior demanda na União Européia. As exportações de carne ovina e caprina são favorecidas porque alguns países impõe restrições à carne bovina e optam por produtos substitutos. Os principais importadores europeus são: Grã-Bretanha (38%), França (15%), Alemanha (13%), Bélgica (9%), Itália (8%) e Grécia (8%).

A demanda internacional está associada ao efeito de um alto consumo ligado a fatores culturais, como a exigência de quali-

Exportação de carne ovina (mil toneladas)

	1990	1995	2000	2005	2006	Var 05/00 [%]
Total	942,0	1.068,0	1.146,0	1.254,0	-	9,42
Austrália	273,9	328,7	420,1	395,1	320,7	-5,95
Nova Zelândia	375,5	375,0	380,2	366,4	370,3	-3,63
Reino Unido	90,5	143,7	93,5	86,3	86,6	-7,70
Irlanda	59,9	51,4	58,1	55,1	-	-5,16
Outros	142,2	169,2	194,1	351,1	-	100,8

Fonte: FAO

Selos de qualidade europeus

**Denominação de Origem Protegida (DOP)**

designa o nome do produto cuja produção, transformação e elaboração deve ser realizada em uma zona geográfica determinada, com conhecimentos específicos

**Indicação Geográfica Protegida (IGP)**

O meio geográfico está presente em pelo menos uma das etapas de produção, transformação e elaboração. O produto se beneficia de uma boa reputação

**Garantia de especialização tradicional (ETG)**

Destaca uma composição e modo de produção tradicional, Não faz referência à origem

dade e preços, além, evidentemente, do seu crescimento demográfico. O consumo está pulverizado por várias partes do mundo. Os canais de exportação estão voltados ao atendimento de nichos específicos. Por isso, a taxa de crescimento do fluxo comercial depende muito do desenvolvimento tecnológico e da atividade do exportador em melhorar a capacidade do importador para expandir o consumo no seu mercado local.

Os principais exportadores de carne ovina são a Nova Zelândia e a Austrália. Ambos são referências na formação dos preços internacionais. De 2000 a 2005, o preço da tonelada de carne nesses países

chegou a dobrar, de US\$ 1mil para US\$ 2 mil. De acordo com a fonte de informação considerada, qualquer um deles pode ocupar o primeiro e segundo postos. O importante é que ambos concentram 70% do volume exportado no âmbito mundial. Nos EUA os preços são quase o triplo dos na Oceania.

Segundo a FAO, as exportações totais de carne ovina e caprina durante 2005 ficaram em 1,25 milhões de toneladas. Aproximadamente 80% dessas exportações estiveram concentradas em somente seis países.

Durante 2005, a Austrália, com uma quantidade de 395,1 mil toneladas, cer-

ca de 31% do total, foi o principal exportador, principalmente para o Oriente Médio (47 mil t) e EU e Canadá (42 mil t).

Depois de ocupar o primeiro lugar durante um longo período, a Nova Zelândia passou para o segundo, em termos de volume exportado de carne ovina.

Em 2005, os embarques foram de 366,4 mil toneladas, correspondentes a 28% do total. O principais destinos foram a UE (246 mil t), o Oriente Médio (50 mil t), os EUA e o Canadá (46 mil t).

A posição comercial da Austrália e da Nova Zelândia está bem consolidada. São países competitivos e influentes no mercado internacional. Oferecem níveis de qualidades diferenciados de produtos, inclusive de gado vivo.

Sistemas mais intensivos

Quando se analisa a evolução das exportações de carne ovina de 2000 a 2005, os números da Austrália e da Nova Zelândia apresentam uma pequena queda. A Inglaterra aparece no terceiro posto, com 86,3 mil toneladas e uma participação de 6,9%. Em quarto, a Irlanda, com 55,1 mil toneladas. De expressivo, tem ainda a Síria, com 53,1 mil toneladas.

Quanto à evolução futura do rebanho e da produção mundial de ovino e caprino:

- Oceania (Austrália e Nova Zelândia): limitada e perda de participação
- América do Sul com posição incerta ante o custo de exportação por causa do petróleo;
- Europa: cortes de subsídios desestimulam a produção
- Ásia: crescente na Índia e China (o consumo de leite, muito baixo, de 18 quilos por habitante ano, deverá multiplicar-se em dez anos)

Para os países em desenvolvimento a produção de produtos leiteiros é muito estratégica em função dos problemas de alimentação. Além disso, os pequenos ruminantes estão muito bem adaptados às condições de clima tropical seco. Na Síria a produção de iogurte na primeira metade desta década cresceu 50% e passou de 90 mil toneladas. ■